

## **Mestre (a) sem discípulos: professor (a) enquanto provocador (a)**

### **Master without disciples: teacher as provocateur**

### **Maître sans disciples: enseignant en tant que provocateur**

Vinicius Defillo Pintor<sup>1</sup>

**Resumo:** Gilles Deleuze alerta para a existência de uma imagem dogmática do pensamento, imagem que usualmente vigora nos espaços educacionais. Nesses ambientes, educadores são reduzidos àqueles que meramente apresentam problemas e aguardam dos educandos resoluções previamente estabelecidas. Entretanto, Deleuze também aponta para um pensamento sem imagem, uma forma de pensar imanente que constantemente recomeça em exercício criativo. Nessa concepção, pensar só ocorre involuntariamente iniciando-se com uma violência que leva a sensibilidade à sua enésima potência. Aquele que educa dentro dessa visão converte-se em um provocador, fornecendo signos que sejam capazes de violentar. O estudante deixa de ser discípulo, tornando-se capaz de formular seus próprios problemas e pensar criativamente.

**Palavras-chave:** Educação; Professor; Provocação.

**Abstract:** Gilles Deleuze points to the existence of a dogmatic image of thought, an image that typically prevails in educational spaces. In these environments, educators are reduced to those who merely present problems and expect learners to provide pre-established solutions. However, Deleuze also points to a thought without image, an immanent form of thinking that constantly restarts as a creative exercise. In this conception, thinking only occurs involuntarily, beginning with a violence that drives sensibility to its utmost potential. Those who educate within this perspective become provocateurs, providing signs capable of disrupting. The student ceases to be a disciple and becomes capable of formulating their own problems and thinking creatively.

**Keywords:** Education; Provocation; Teacher.

**Résumé:** Gilles Deleuze met en garde contre l'existence d'une image dogmatique de la pensée, une image qui prévaut généralement dans les espaces éducatifs. Dans ces environnements, les éducateurs sont réduits à ceux qui se contentent de présenter des problèmes et attendent des apprenants des solutions prédéfinies. Cependant, Deleuze évoque également une pensée sans image, une forme de pensée immanente qui recommence constamment dans un exercice créatif. Selon cette conception, penser ne se produit qu'involontairement, commençant par une violence qui pousse la sensibilité à son plus haut degré de puissance. Celui qui éduque dans cette perspective devient un provocateur, fournissant des signes capables de bouleverser. L'étudiant cesse d'être un disciple et devient capable de formuler ses propres problèmes et de penser de manière créative.

**Mots-clés:** Éducation; Professeur; Provocation.

## **Introdução**

Pensar acerca de qual é o papel de uma professora ou professor numa educação promotora da diferença não é tarefa simples. Qual é a postura mais proveitosa a ser adotada por educadores a fim de propiciar novos processos de singularização no ambiente escolar? Como um docente pode tornar o espaço educacional em que se encontra em um solo existencial de

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do ABC (UFABC)

liberdade que desemboque em criações? Um ponto de partida proveitoso na busca de encarar tais questionamentos é o de voltar-se para como Zaratustra, personagem do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, lidava com seus discípulos. Após informá-los que desejava voltar à própria solidão, afirma: “há mil veredas que não foram percorridas; mil saúdes e ilhas recônditas da vida. Inesgotados e inexplorados estão ainda o homem e a terra humana” (Nietzsche, 2011, p. 75). Em seguida, recomenda a eles que também sigam sozinhos, que saibam odiar seus amigos, que desconfiem de seu mestre, afinal “retribuímos mal a um professor, se continuamos apenas alunos” (Nietzsche, 2011, p. 75), ou seja, seria um mau aluno aquele que crê indubitavelmente naquele que o ensina. Nessa passagem por nós mencionada, Nietzsche recusa a concepção de que o aprendizado se caracteriza pela mera transmissão de saberes, num processo que reduz a distância entre o que o mestre sabe e o que o estudante não. O pensador não vê com bons olhos que os estudantes pensem tal qual seus professores já pensam. É contrário a um modelo escolar de reconhecimento e reprodução, de respostas corretas a perguntas já dadas, previamente estabelecidas. Zaratustra não é um mestre que se insere nesse cenário de favorecimento do mesmo, pelo contrário, ele deseja que seus discípulos pensem aquilo que ele nunca pensou, coloquem questões nunca antes colocadas, tracem caminhos e linhas inéditas.

Aos nossos olhos, o filósofo francês Gilles Deleuze compartilha do mesmo posicionamento que o de Nietzsche. Vislumbramos em seus conceitos a potencialidade para erigir uma espécie não usual de visão do que seja um mestre, professor ou o que o valha. Um educador que ao invés de ensinar, provoca. Que tem como resultado de sua prática a produção do novo por aqueles que estão sob sua errática tutela. A nós, a professora e o professor transmissores caracterizam-se como reacionários, fazem girar as engrenagens da produção de subjetividade capitalista. Mas a alternativa a essa figura não deve ser aquele que combate a ideologia revelando a realidade, o caminho para a superação de uma escola mortificadora é o de fazer com que ela se transforme em lugar para a irrupção de novos processos de subjetivação mais potentes e não antevistos, fazer da educação uma aliada da criação. Não se trata de substituir uma subjetividade modelo por outra, fabricar resistentes e subversivos em série, mas criar condições para que cada sujeito atualize virtualidades. O mestre capaz de realizar essa ação é o sujeito que desejamos exaltar.

A menção que fazemos ao ato de provocar se deve a compreendermos que o professor que cumpre com o que almejamos é um educador provocador. Explicamo-nos através de nosso uso de dois conceitos de Deleuze: imagem dogmática do pensamento e pensamento sem imagem. O autor faz duras críticas à primeira imagem e exalta a segunda. Tecida primeiramente

em livros anteriores ao feliz encontro com Félix Guattari como “Nietzsche e a Filosofia” (2018a), “Proust e os signos” (2022) e “Diferença e Repetição” (2018b), a reprimenda à imagem dogmática do pensamento perpassa por toda sua obra mesmo que com outras roupagens, sendo ainda presente em seu último livro, esse escrito a quatro mãos com Guattari, “O que é a filosofia?” (1997). Resumidamente, Deleuze denuncia como imagem dogmática do pensamento a concepção do ato de pensar que se julga pretensamente natural e livre de pressupostos, apesar de não o ser (pois mantém a existência de pressupostos ainda que subjetivos ou implícitos). Ela institui modelos de como se deve pensar. Dociliza o pensamento e o torna servil aos poderes constituídos. É hegemônica nas escolas do pensamento ocidental, ainda que apresentando variações entre os intelectuais da tradição, isso porque, conforme Roberto Machado (2009, p. 136), sua natureza é muito mais ligada à forma do que a conteúdos. Não é à toa que as formas sejam privilegiadas nos comentários deleuzianos: “a verdadeira crítica é a crítica das verdadeiras formas e não dos falsos conteúdos [...]” (Deleuze, 2006a, p. 179). Coloca-se como o ato neutro do próprio pensamento e estabelece, assim, um feroz autoritarismo, negando outras formas de pensamento. É fácil identificar a presença da imagem dogmática do pensamento nas salas de aula tradicionais. Cada estudante deve aprender a ter as ideias adequadas, responder corretamente aos problemas já postos por seus professores. As escolas em sua maioria modelizam, produzem estudantes que pensam como seus mestres pensam, inserem neles as ideias que se espera que tenham, transformam-os em operários do pensar e lhes negam as possibilidades criativas.

Por outro lado, o pensamento sem imagem é um pensamento que constantemente refunda-se, escapa da imagem estabelecida a ser reproduzida - difere de si mesmo. Nele, não se trata de encontrar aquilo que é eterno ou mesmo revelar o crucial de uma época, mas sim de elaborar o que nunca fora pensado. Não mais chegar às respostas certas para interrogações, mas pensar o inédito frente aos problemas. Problemas esses que não exigem determinadas soluções específicas, pelo contrário, tensionam o pensamento e dessa maneira permitem que ele se movimente em caminhos desconhecidos. Mas esse pensar é algo raro, não acontece a todo instante e quando bem se quer. É uma ação involuntária, fruto de coerção: só se pensa por necessidade. E o que coage? Novos problemas. Cada bom problema abre uma nova perspectiva que não é familiar, coloca o pensamento em um território estranho e no qual ele é incapaz de realizar a reconhecimento, obrigando-o a atuar de outra forma, a pensar o impensável, a criar. O professor que deseja atuar em concordância com o pensamento sem imagem precisa ser como Zaratustra: um mestre sem discípulos. Não mais apresentar problemas já dados e aguardar

respostas antevistas. Não mais modelizar o pensamento para que cada estudante pense igual seus professores pensam. Não mais ensinar a reconhecer e reproduzir ideias e valores adequados. É necessário que o professor cesse de transmitir saberes e passe a provocar encontros. Uma professora ou professor que coloca problemas é aquele que se põe na condição de provocador, possibilitando aos seus educandos que criem. Pensa aulas e atividades que não ensinem, mas mobilizem e afetem as turmas. Tem como prática provocar, apresentar signos que violentam e fazem pensar algo que não se sabe o que será, pois vale muito mais o ato criativo do pensamento do que a repetição de conhecimentos já dados.

Para aprofundarmo-nos e melhor explicarmos esses pontos, estruturamos o presente artigo em duas seções. Na primeira, temos como objeto de nosso discurso os já mencionados conceitos de imagem dogmática do pensamento e pensamento sem imagem. Já a última seção é dedicada a, a partir desses conceitos, desenvolver nossa tese que toma o ato de educar como a ação de provocar - sendo a provocação assumida num sentido próprio tributário à descrição do ato de pensar originalmente apresentada por Deleuze. Por fim, expressamos sucintas considerações finais.

### **Imagem dogmática do pensamento e pensamento sem imagem**

Gilles Deleuze (2006b, p. 327) insere o pensamento de Friedrich Nietzsche no que chama de uma “contrafilosofia” que não deve ser concebida como uma anti filosofia. Sua proposta seria a de construir uma crítica interna ao fazer filosófico hegemônico, contrapondo-se a uma visão aparentemente dominante<sup>2</sup>. Além de Nietzsche, fariam parte dessa empreitada nomes como os de Baruch de Espinosa, Duns Scott e Lucrécio. O próprio Deleuze também se insere nesse tipo de tradição cartografada pelo autor, inserção já notável nos seus comentários de história da filosofia os quais, segundo o mesmo, tendiam para uma “identidade Espinosa-Nietzsche”<sup>3</sup> (Deleuze, 1992, p. 169). Mas o que uniria esses pensadores? Em linhas gerais, a intenção de promover uma forma de pensamento que se caracteriza sobretudo por ser imanente, produtora do novo e contestadora dos valores estabelecidos. Pensamento efetivado numa

<sup>2</sup> Acerca desse ponto vale notar a defesa de Deleuze sobre um “irracionalismo” em Nietzsche que rivalizaria com o racionalismo kantiano: “Há muitos enganos sobre o irracionalismo enquanto se acredita que essa doutrina opõe à razão algo diferente do pensamento (...). No irracionalismo não se trata de outra coisa a não ser o pensamento, a não ser do pensar. O que é oposto à razão é o próprio pensamento” (Deleuze, 2018a, p. 121).

<sup>3</sup> Sobre a interpretação que Deleuze faz de Espinosa como inspirador de Nietzsche cf. Deleuze, 2018a, p. 81-84. Sobre essa tal “identidade Espinosa-Nietzsche” evocada por Deleuze cf. Hardt, 1996, Caps. II e III. Ver: HARDT, Michael. **Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia**. Trad. S. Cavendish. São Paulo: Editora 34, 1996.

“dimensão que não é a do histórico [...] nem a do eterno”, mas a dimensão do “*intempestivo*” (Deleuze, 2006c, p. 168). A questão é a de filosofar contra o próprio tempo, pensar contra o já pensado.

Para Deleuze, a tradição filosófica ocidental teria atuado em outro caminho, operando dentro da “imagem dogmática” ou “clássica” do pensamento. Conforme já mencionado por nós na introdução do presente texto, esse conceito está presente na obra de Deleuze tanto em seus livros anteriores aos eventos de maio de 1968 quanto em sua produção final, essa escrita junto a Guattari. Tal imagem colocaria a si como natural e neutra, acabando por ser autoritária, tendo em vista que dessa maneira almeja se universalizar. Mais do que isso, comprometeria a própria potência do pensar, pois estabeleceria a filosofia a serviço do mesmo, dos valores já dados. Ela assume falsamente que não possui qualquer pressuposto, o que é questionado por Deleuze.

Segundo o filósofo francês (2018b, p. 169-170), é preciso diferenciar pressupostos objetivos e subjetivos. O autor caracteriza os primeiros como conceitos explicitamente supostos por um conceito dado enquanto os segundos seriam aqueles que se passariam como pré-filosóficos, universais e naturais ao pensamento. Os filósofos desde sempre teriam tido êxito em escapar dos postulados objetivos, mas falhado em livrar-se dos subjetivos. Nesse caso se enquadraria, por exemplo, René Descartes, intelectual que resistia em definir o ser humano como “animal racional”, pois essa definição exigiria uma multiplicação das questões por demandar o conhecimento dos conceitos de “animal” e “racional”, pressupostos objetivos. Entretanto, sua alternativa foi a de elaborar o conceito de *cogito*, o qual ainda necessita de outros conceitos, a saber os de “ser” e “pensar”. O pensador moderno assume que essas noções seriam evidentes, que elas estariam na ordem do natural sendo, portanto, universalizáveis: todos saberiam o que significa ser e pensar. Essa ideia fica explícita no texto “A busca da verdade pela luz natural” (2018), no qual Descartes cria dois personagens: Epistemon e Eudoxo. Um deles é fiel à tradição aristotélica e o outro exerceria o pensamento naturalmente, livre de influências externas. Ora, o que Descartes não percebe é que esse segundo também possui pressupostos, mas subjetivos, o exercício de seu pensar é tão artificial quanto o de sua contraparte, a pretensa naturalidade com que pensa não passa de ilusão. Ilusão de que pensar de uma determinada maneira seria o ato neutro do próprio pensamento, miragem que estabelece um autoritarismo poderoso e disfarçado, passando-se por inexistente.

De acordo com Deleuze, um pensamento mais potente parte da negação desse adequamento para buscar outras construções intelectuais. Trata-se de tornar-se aquele que não sabe o que todos sabem, negar os pressupostos subjetivos. Porém, a imagem dogmática do

pensamento esforça-se para interditar as linhas de fuga, seu principal pressuposto camuflado a operar com esse fim é o de que há “uma *boa vontade do pensador* e [...] uma *natureza reta do pensamento*” (Deleuze, 2018b, p. 181). Isso significa que o pensamento naturalmente estaria vinculado ao Verdadeiro, desejando-o, possuindo-o. Da mesma forma, assume-se que pensar seria de fácil exercício, chegando mesmo a ser da ordem do espontâneo. Posição expressa por juízos como os de que todos desejam obter conhecimento ou do bom senso ser universalmente partilhado. Essa visão é tida como pré-filosófica porque é tratada como necessária, tomada mais como uma constatação do que um julgamento. Converte-se na base de todo pensamento, sendo por essa razão a sua imagem. É algo que ao mesmo tempo define e limita o fazer intelectual.

Há ainda mais a acrescentar à imagem dogmática: ela funciona através do “modelo de reconhecimento” (Deleuze, 2018b, p. 185-189) no qual um sujeito pensante tido como universal se exerce sobre um objeto qualquer através de faculdades concordantes e o torna objeto de conhecimento. É evidente ser Immanuel Kant o grande nome desse modelo, principalmente nas páginas da “Crítica da Razão Pura” (2012), contudo ele já consta no “Teeteto” (2020) de Platão e nas “Meditações Metafísicas” (2015) de Descartes - com suas devidas especificidades, claro. A existência do modelo de reconhecimento como uma das maneiras de se utilizar o intelecto é indubitável, ele é posto em ato cotidianamente: “Eis uma maçã”; “Eis uma bola”; “Bom dia, Teeteto”. O ponto para Deleuze, como aprofundaremos em breve, é de que esse pensamento corriqueiro não é o mesmo do exercício filosófico, chegando a ser um ultraje tomar o pensar filosófico como algo tão banal. Mais, o modelo de reconhecimento ao apenas reconhecer o que é reconhecível e reconhecido abdica das potencialidades criativas do pensar. Há a crença de que a verdade deve ser lembrada, revelada, encontrada, mas não criada. O Verdadeiro como preexistente ao ato intelectual. Ao reconhecer um objeto “adequadamente” endossa-se os valores que se inscrevem sobre esse mesmo objeto. O pensamento acaba por alinhar-se ao instituído, é conformista, serve aos poderes dominantes: o múltiplo é subordinado à identidade pré-concebida. Ao estabelecer regras e normas sobre a atividade filosófica e o pensamento, submete-os ao já dado, erige o que é adequado e, por consequência, também o que não deve ser tolerado.

Haveria, assim, um mundo homogêneo e idêntico a ser conhecido, fiel às expectativas da imagem dogmática: conhecer como reconhecer, pensar como preencher a distância entre o sujeito e o objeto. Mundo vinculado a uma transcendência que lhe confere identidade, adquire uma forma de antemão atribuída a si pelo próprio pensar que, no fundo, só se ocupa de si mesmo. Dentro dessa compreensão o principal inimigo do pensar é o erro, ou seja, enganar-se

ao reconhecer: tomar um objeto por outro, dizer “Bom dia, Teodoro” quando com quem se fala é Teeteto. E se o pensamento possui uma afinidade natural com a verdade bem como o sujeito pensante deseja o Verdadeiro, o erro enquanto falsa reconhecimento só é passível de explicação por conta da ação de forças externas a ele, levando-o a se desviar da própria retidão. Elementos sociais, corporais ou psicológicos seriam esses vilões. O distraído, o míope, o louco, o maldoso, o bestial... todos esses tomariam o falso pelo verdadeiro. O fazer filosófico acaba resumido à apresentação de respostas corretas para problemas existentes, sendo necessário impedir que forças exteriores o deturpem. Aí entra o papel do método na imagem dogmática, ele se caracteriza como fiador do bom funcionamento do pensar, sendo aquele que blinda o pensamento das interferências indesejadas. Com o método se pensaria bem, se pensaria verdadeiramente, se pensaria de forma universalizável. Pensar assumido como o solucionar de problemas já apresentados, eternamente apresentados, simplesmente responder às interrogações. Filósofas e filósofos apenas preencheriam lacunas de ignorância, exercício próximo ao do estudante que responde corretamente às indagações do mestre, o bom discente que replica ao mestre aquilo que o próprio professor já sabe e espera que seu discípulo também passe a saber. O intelectual como guardião dos valores eternos, aquele que os revela e sobre eles reflete (Deleuze, 1992, p. 151).

Essa visão não passaria de um grande mortificador do ato intelectual, Deleuze (2018b, p. 208) apresenta que “a verdade, sob todos os aspectos, é caso de produção, não de adequação”. Para o filósofo, o pensamento é criativo, ele produz conceitos ao invés de revelá-los, recordá-los, contemplá-los, comunicá-los ou descobri-los sendo essa a tese central de “O que é a Filosofia?” (1997)<sup>4</sup>. O ato de pensar deixa de ser o de alcançar respostas corretas a interrogações já dadas, encontrar o universalmente válido. Pensar seria aventurar-se em solos desconhecidos.

Deleuze rejeita a boa vontade do pensador e trata o pensar como ação involuntária, fruto de coerção, consequência de uma violência que vem de fora: só se pensa por necessidade. Por isso pensar é algo raro, a criação não acontece a todo instante e quando bem se quer, ela é muito mais fortuita e rica do que a reconhecimento. Se é possível dizer que ali está uma maçã sempre que se abra os olhos e volte-se a uma fruteira, inventar procede apenas pela confrontação com exigências mais significativas:

---

<sup>4</sup> É digno de atenção que ainda em sua juventude já havia o germe desse posicionamento. No ensaio de 1956 intitulado “Bergson, 1859 - 1941” (2006), Deleuze afirma que um grande filósofo é aquele que cria novos conceitos que ultrapassam o pensamento ordinário e conferem uma nova verdade às coisas. Ver: DELEUZE, Gilles. Bergson, 1859-1941. In: LAPOUJADE, D (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Trad. L. Guarino. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Não é que um belo dia se diz: ‘Opa, vou inventar esse conceito’, assim como um pintor não diz, um belo dia: ‘Opa, vou fazer um quadro desse jeito’, ou um cineasta: ‘Opa, vou fazer este filme!’. É preciso haver uma necessidade tanto em filosofia quanto alhures, caso contrário nada há. Um criador não é um padre que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo que ele tem absoluta necessidade (Deleuze, 2016, p. 333).

Essa necessidade é materializada através de problemas, sem eles nada se pensa. Todos os conceitos filosóficos são relativos aos problemas que os filósofos atribuem a si (Deleuze; Guattari, 1997, p. 33; 41). É por isso que Sócrates pergunta “o que é?” para Hípias que responde “Aquele é!” (Platão, 2019, 287d). O sofista não é um tolo incapaz de compreender a questão que a ele é imposta. O que se passa é que sua questão é outra, seu problema é outro, ele acredita que é no devir-belo dos objetos concretos que surgirão os pensamentos mais frutíferos. Pense-se aquilo que se pode com os problemas que se têm, não porque se encontrará as soluções de cada um deles, as respostas adequadas, mas sim porque é através do tensionamento que provocam que o pensar é posto em marcha. Cada bom problema abre uma nova perspectiva que não é familiar, coloca o pensamento em um território estranho no qual ele é incapaz de realizar a reconhecimento, obrigando-o a abandonar seus pressupostos e atuar de outra forma, a pensar o impensável. A filósofa e o filósofo são aqueles que desenvolvem novos conceitos para lidar com as implicações de seus problemas, dado que a partir deles recortam o caos, dando-lhe consistência e promovendo a novidade. Enquanto a imagem dogmática do pensamento obstrui o contato com o caos e a ocorrência de novos problemas, Deleuze apresentará o conceito de “pensamento sem imagem” como aquele capaz de suscitar a novidade sempre refundando-se a si mesmo através de sua relação com o fora.

O inimigo do pensamento não seria o erro, mas a besteira e as formas baixas de se pensar, aquilo que afasta o pensamento do que pode. O critério que diferencia os pensamentos elevados dos baixos, a imagem dogmática do pensamento do pensamento sem imagem, é totalmente imanente. Não há qualquer relação a algum termo exterior aos agenciamentos que constituem o pensar como poderiam ser o Verdadeiro ou o Bem. Pelo contrário, a valoração ocorre pelas próprias relações em si: é bem-quisto o pensamento que incentiva novos encontros e afetos, promove a produção de um real que já não estava contido nos próprios termos dos agenciamentos. Enfim, pensar para ultrapassar o pensado em prol da diferença<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O conceito de diferença em Deleuze não diz respeito a um contraste estático entre objetos, nem à negação do que um objeto não é, mas à dinâmica de todo o ser enquanto positividade, trata do devir. Não há espaço para a diferença como alteridade, negação ou contradição. Para ele, a diferença consiste não em diferir do outro, mas em diferir de

A filosofia da diferença formulada por Deleuze nega a existência de uma forma superior de ser ou qualquer exterioridade às relações que lhes dê sentido, opera na lógica interna da multiplicidade. Sem um valor superior e externo ao mundo, as multiplicidades constroem e reconstroem os seus sentidos. As diferentes expressões do ser não são hierarquizadas uma em relação às outras, o que importa é como estão em relação aos próprios limites, se não estão afastadas daquilo que podem. É por isso que Deleuze (2018b, p. 183; 2006d, p. 125-127) afirma diversas vezes que é de seu interesse fundar um “pensamento sem imagem”, uma forma de pensar destrutiva que renuncia à representação e sempre recomeça, nunca dá fim ao movimento num eterno refundar-se. Contra o modelo transcendente que é a imagem dogmática do pensamento, pensar através de um processo imanente.

### **Educar como provocar**

Julgamos os conceitos deleuzianos mencionados na seção anterior como riquíssimos para pensarmos a educação e os espaços escolares. A imagem dogmática do pensamento reina triunfante nas concepções de educação praticadas na maioria das instituições de educação, ainda que irrefletidamente. Na maioria das escolas, cada estudante deve aprender a ter ideias adequadas, responder corretamente aos problemas já postos por seus professores. O mau aluno é aquele que toma o falso pelo verdadeiro ao não reconhecer o que se espera. Nas provas e exames, todas as respostas certas já são anteriormente imaginadas, há gabaritos preenchidos com palavras de ordem que devem figurar nos papéis. Os problemas todos dados, nenhum educando tem direito de colocar os próprios, sendo que ao recebemos prontos os problemas sobre os quais nos debruçamos “somos mantidos numa espécie de escravidão. A verdadeira liberdade está em um poder [...] de constituição dos próprios problemas” (Deleuze, 1999, p. 9). Dessa forma, a escola torna-se modelizadora e despotencializa seus estudantes, fazem os pensar como seus mestres já pensam. Professores que em sala de aula podem dizer: “não se deve pensar originalmente, não há capacidade para isso. Olhem para os grandes nomes no quadro negro, eles já pensaram por vocês, pensaram verdadeiramente, revelaram as essências, encontraram as verdades. Basta a vocês, pobres alunos, repetí-las assim como eu faço”. Em suma, “a professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma

---

si mesmo nos agenciamentos em que se encontra. A indeterminação suplanta a finalidade e a causa eficiente se impõe sobre a causa final. A diferença é puro movimento, um meio sem começo nem fim. Cf. Deleuze, 2006. Ver: DELEUZE, Gilles. Bergson, 1859-1941. In: LAPOUJADE, D (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Trad. L. Guarino. São Paulo: Iluminuras, 2006.

regra de gramática ou de cálculo. Ela ‘ensigna’, dá ordens, comanda. [...] damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários” (Deleuze; Guattari; 2011, p. 11-12).

Contudo, é possível escapar desse cenário despotencializante, conceber uma educação condizente com o pensamento sem imagem, imaginar um educar como provocar. Se Nietzsche afirma que se retribui mal aos professores quando se persiste na condição de aluno, é porque o mestre não deve transmitir o que já sabe aos que o seguem, mas provocá-los para que pensam no que nunca tenha sido pensado. Aquele que cria, aquele que pensa, jamais pode se restringir ao papel de um plagiador que produz peças idênticas.

Mas como se provoca? Suscitando encontros, afinal “o reconhecimento é o contrário de um encontro” (Deleuze; Parnet, 2004, p. 19). Interpretando uma passagem do livro VII da “República” (Platão, 2001, 523b), mas sem assumir todas suas implicações<sup>6</sup>, Deleuze apresenta que Platão dividiu os objetos em dois tipos: aqueles passíveis de serem reconhecidos porque a sensibilidade basta para lidar com eles e outros aos quais a sensibilidade não dá conta, objetos que fazem pensar. O modelo de reconhecimento opera quando se encara os primeiros, mas quando são os segundos que se colocam perante a alguém, é um encontro que acontece. Dissemos que o pensamento necessita de problemas, porém um problema só passa a existir depois de um encontro, sem ele o pensamento pode se ocupar como faz no modelo da reconhecimento, mas não pensar verdadeiramente. Cada encontro se caracteriza pela sua violência, o signo que força a pensar afeta o pensamento de forma imperiosa, não há uma escolha voluntária por parte do pensador em deixar-se afetar, ele simplesmente é afetado pelo fora: “[...] só há pensamento involuntário, suscitado, coagido no pensamento, com mais forte razão é absolutamente necessário que ele nasça, por arrombamento, do fortuito do mundo. O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo e nada supõe a filosofia” (Deleuze, 2018b, p. 91).

Portanto, o pensamento não pode ser concebido em seu próprio interior. O início da atividade intelectual criadora vem do encontro com forças exteriores que ao mesmo tempo dão o que pensar e forçam a pensar - necessita do caos. Coerção na qual o exterior não apresenta uma essência revelada, mas provoca um mal-estar ao não permitir a reconhecimento tranquila, ao

---

<sup>6</sup> Deleuze não lida com os sistemas filosóficos dos autores como se fossem fechados, a questão de aceitar ou rejeitar todo o pensamento de alguém é a ele falsa. Seu ponto é o de utilizar conceitos existentes, mas retirando-os de seus agenciamentos originais e colocando-os em um outro que lhe sirva naquele momento, desse modo não é necessário lidar com as implicações originais de cada ideia. “Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e, no entanto, seria monstruoso” (Deleuze, 1992, p. 14).

dissolver a unidade tranquilizadora tal como o mundo se mostrava, abala a coerência do horizonte em que se estava. O pensamento ocorre num desconforto no qual a faculdade da sensibilidade é levada ao seu limite. O encontro gera uma provocação que aponta para um lado desconhecido, o pensamento em conexão com o não pensado. Para dar conta da heterogeneidade que se coloca só resta inventar. Por isso não se pensa o que se quer, mas o que se precisa. Ao comentar a obra do escritor Marcel Proust, Deleuze (2022, p. 21) pontua:

Quem procura a verdade? O que está querendo dizer aquele que diz ‘eu quero a verdade?’ Proust não acredita que o homem, nem mesmo um espírito supostamente puro, tenha naturalmente um desejo do verdadeiro, uma vontade de verdade. Nós só procuramos a verdade quando estamos determinados a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando sofremos uma espécie de violência que nos impele a essa busca.

Na visão do filósofo, Proust é muito feliz em sua inovação de substituir a noção de método pelas de coação e de acaso. Os encontros são contingentes, ou seja, da ordem do acaso e agem sobre os indivíduos coercitivamente. Desse modo, quem deseja pensar não deve aprender a replicar um método, o caminho para o pensamento é estar aberto para ser afetado pelo que o acaso entrega, estar disponível como alvo de violência: “cabe a nós irmos a lugares extremos, em horas extremas [...]” (Deleuze, 2018a, p. 142). Nessas situações, a sensibilidade é levada ao limite e sem dar conta daquilo que a ela chega, desloca-se para outra direção. Pensar diz mais respeito à eclosão de uma nova sensibilidade do que de uma tomada de consciência. Eis o “irracionalismo” de Deleuze: não uma oposição ao pensamento, mas sim à razão do bom senso. Irracionalismo no sentido de que pensar depende do fora do pensamento, de que pensar leva a resultados inesperados que podem trair seu movimento originário. Pensar tomado enquanto algo da ordem do extraordinário, não do corriqueiro. A professora e o professor enquanto provocadores são justamente aqueles que criam situações na qual os encontros se dão, provocam seus estudantes através de atos violentos à sensibilidade que obrigam seus educandos a não apenas reconhecerem, mas pensarem.

Nesse processo o acaso é fundamental não somente por ser ele quem apresenta o mundo externo que afeta o pensador, mas também porque é absolutamente imprevisível saber o que afetará a quem, quais encontros encontrarão quais sujeitos. Assim o é por cada pessoa ser, assim como os encontros, imprevisível. Todos os indivíduos são singularizados em suas experiências, vontades, enfim, em seus agenciamentos com os mais variados elementos a partir de seus territórios existenciais. Alguns serão apaixonados pelo latim, outros se mostrarão filósofos, há aqueles que serão atravessados pelas artes ou que dedicarão seu tempo às ciências naturais.

Independentemente disso, é preciso lembrar que “nunca se aprende fazendo como alguém, mas com alguém” (Deleuze, 2022, p. 27). O bom mestre proporciona encontros e estimula a capacidade de seus discípulos serem afetados, nada mais do que isso. Esse é o motivo de Zaratustra ter exigido a traição de seus seguidores, eles passaram a somente reproduzir os conteúdos que ouviam, tornaram-se crentes. Em entrevista, Deleuze (1996, [n. p.]) fala sobre esse tema aplicado às salas de aula:

Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. As pessoas têm de esperar. Obviamente, tem alguém meio adormecido. Por que ele acorda misteriosamente no momento que lhe diz respeito? Não há uma lei que diz o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é outra coisa. [...] Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente.

Nesse cenário, aquele que educa deve confeccionar aulas e atividades escolares que convenham ao maior número de pessoas possível, sempre variando para tentar atingir os que ainda se encontram adormecidos. Recusar discípulos, nunca desejar que pensem o que já é pensado, nunca esperar respostas corretas a problemas antigos. Ter como prática provocar, apresentar signos que violentem e façam pensar. O que se pensará? Não se sabe e não importa. O ponto é o ato criativo, a aventura em que cada estudante embarca ao lidar com um problema ao qual a reconhecimento não lhe apresenta resposta. Esse é um caminho para quem deseja uma educação em concordância com o pensamento sem imagem, para quem deseja cumprir com a proposta de educar enquanto provocar.

### **Considerações finais**

Para Deleuze, o pensador como amigo do conhecimento sai de cena, não há coincidência ou boa vontade em seu exercício. O pensamento vem de uma conexão contingente com o fora que através da violência faz pensar, pois desampara o pensador retirando-o do terreno seguro em que se encontrava. Aquele que não se afeta por nada é incapaz de pensar. Processo que resulta em imprevisível novidade, não na revelação ou resgate de valores prontos, mas na criação de novos conceitos que nunca haviam sido pensados. Pensar é sempre pensar de outra forma.

Uma professora ou professor, sendo assim, não deve mais transmitir saberes prontos fazendo com que os estudantes pensem conforme aquele que educa pensa. É preciso que se

escape da imagem dogmática do pensamento e se busque operar no pensamento sem imagem. Tornar-se um mestre sem discípulos ao fazer de seu ofício um trabalho de provocação. Emitir signos que violentem a sensibilidade impedindo a reconhecimento, abrindo espaço para a imprevisível colocação de problemas por parte de seus discentes que deixam de ser alunos e se tornam, eles próprios, pensadores. Sujeitos que criam aquilo que seu docente nunca foi capaz de vislumbrar. A educação transforma-se em um solo existencial de liberdade que dá vazão a processos de singularização.

### Referências

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. P. P. Pelbart. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida a Claire Parnet. 1996. Disponível em: <https://vimeo.com/439384091/c20368bcc4>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Trad. L. B. L. Orlandi. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento. *In*: LAPOUJADE, D (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Trad. T. Tadeu e S. Corazza. São Paulo: Iluminuras, 2006a, p. 175-183.
- DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. *In*: LAPOUJADE, D (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Trad. M. Nascimento. São Paulo: Iluminuras, 2006b, p. 319-329.
- DELEUZE, Gilles. A gargalhada de Nietzsche. *In*: LAPOUJADE, D (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Trad. P. P. Pelbart. São Paulo: Iluminuras, 2006c. p. 167-169.
- DELEUZE, Gilles. O homem, uma existência duvidosa. *In*: LAPOUJADE, D (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Trad. T. S. Themudo. São Paulo: Iluminuras, 2006d, p. 123-127.
- DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação? *In*: LAPOUJADE, D. (org.). **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas**. Trad. de G. Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 332-343.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. M. T. Barbosa e O. Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. L. Orlandi e R. Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. R. Machado. São Paulo: Editora 34, 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. B. Prado Jr. e A. A. Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. Trad. A. L. de Oliveira e L. C. Leão. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. J. G. Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Trad. M. E. A. P. Galvão. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

DESCARTES, René. A busca da verdade pela luz natural. **Diaphonía**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 179-190, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/19811>. Acesso em: 04 mar. 2024.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. F. C. Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACHADO, Roberto. **Deleuze: a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PLATÃO. **A república**. Trad. M. H. Rocha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. **Teeteto**. Trad. M. Iglésias e F. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: edições, Loyola, 2020.

PLATÃO. Hípias maior. Trad. L. Angioni. **Revista Archai**, [S. l.], n. 26, e02608, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/18244/21525>. Acesso em: 15 jul. 2025.

#### **Sobre a autora e o autor**

**Vinicius Defillo Pintor:** É mestre em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (2025) tendo sido bolsista CAPES, inserindo-se na linha de pesquisa "Ética e Filosofia Política". Também é Bacharel em Ciências e Humanidades (2018), Filosofia (2022) e licenciado em Filosofia (2019) pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Foi coordenador da Escola Preparatória da UFABC e atua como professor do Ensino Básico desde 2017, atualmente trabalha no SENAC São Bernardo como docente da disciplina Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

*E-mail:* [viniciuspintor@ymail.com](mailto:viniciuspintor@ymail.com)

Recebido em: 27 fev. 2025

Aprovado em: 14 jul. 2025